

Perguntar, registrar, escrever:
inquietações metodológicas



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica

Rui Vicente Oppermann

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Sara Viola Rodrigues

Conselho Editorial

Alexandre Ricardo dos Santos

Carlos Alberto Steil

Lavinia Schüller Faccini

Mara Cristina de Matos Rodrigues

Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Rejane Maria Ribeiro Teixeira

Rosa Nívea Pedroso

Sergio Antonio Carlos

Sergio Schneider

Susana Cardoso

Valéria N. Oliveira Monaretto

Sara Viola Rodrigues, presidente



COORDENADORA DA COLEÇÃO:

Tania Mara Galli Fonseca

CONSELHO EDITORIAL:

Andréa Vieira Zanella – (UFSC)

Cecília Bouças Coimbra – (UFF)

Denise Bernuzzi Sant'Anna – (PUC/SP)

Eugénia Vilela – (Universidade do Porto/PT)

José Mário d'Ávila Neves – (UFRGS)

José Nuno Gil – (Universidade Nova de Lisboa)

Jusamara Souza – (UFRGS)

Luis Gomes – (Editora Sulina/PUCRS)

Luiz B.L. Orlandi – (Unicamp)

Maria Elizabeth Barros – (UFES)

Marisa Lopes da Rocha – (UERJ)

Peter Pál Pelbart – (PUC/SP)

Sandra Mara Corazza – (UFRGS)

Suely Rolnik – (PUC/SP)

Perguntar, registrar, escrever:
inquietações metodológicas

Andréa Vieira Zanella



© Andréa Vieira Zanella, 2013

Capa:

Carla Luzzatto

Coordenadora da Coleção:

Tania Mara Galli Fonseca

Projeto gráfico:

Carla Luzzatto

Editoração:

Niura Fernanda Souza

Revisão:

Caren Capaverde

Revisão gráfica:

Miriam Gress

Editor: *Luis Gomes*

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

Z28p

Zanella, Andréa Vieira

Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas / Andréa
Vieira Zanella. -- Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2013.
183 p.; (Coleção Cartografias)

ISBN: 978-85-205-0450-5

978-85-386-0215-6

1. Psicologia Social. 2. Pesquisa. 3. Metodologia Científica. 4. Educação.
I. Título

CDD: 150

370

CDD: 001.8

159.9

316.6

37

Editora MERIDIONAL

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3311.4082

Fax: (0xx51) 2364.4194

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Julho/2013

Editora da UFRGS

Ramiro Barcelos, 2500

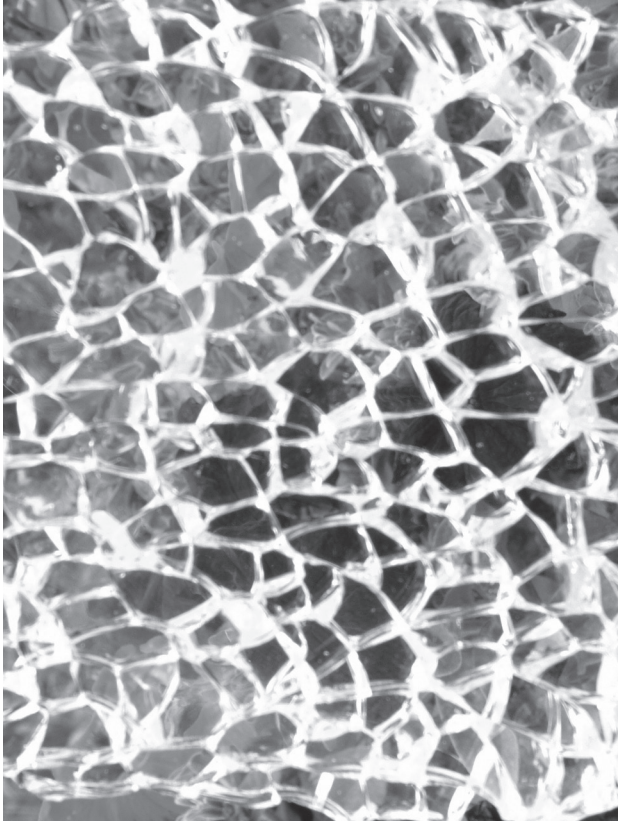
Santa Cecília – Porto Alegre, RS

Cep: 90035-003

Fone/fax (51) 3308.5645 – www.

editora.ufrgs.br

www.livraria.ufrgs.br



Para Almir e Letícia.

...escrever é o modo de quem tem a palavra como isca:
a palavra pescando a não palavra.
Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca,
alguma coisa se escreveu.
Uma vez que se pescou a entrelinha,
poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora.
Mas aí cessa a analogia:
a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a.
O que salva então é escrever *distraidamente*.

(Clarice Lispector)

Sumário

Prefácio	11
<i>Mássimo Canevacci</i>	
Introdução	17
Capítulo I	
Algumas palavras da/sobre a densa e espessa selva que me envolve e constitui	25
Capítulo II	
Pesquisar e/é Criar, Ciência e/é Arte, Arte e/é Vida.....	39
Capítulo III	
Sobre começos e recomeços	51
Capítulo IV	
Imagens e a/na aventura do pesquisar.....	83
Capítulo V	
Sobre o processo de criação da/na escrita da pesquisa	113
Capítulo VI	
Escrever e/é (re)criar(se).....	129

Capítulo VII

A comunicação da pesquisa e alguns de seus destinatários e desafios.....	149
Referências	173
Coleção Cartografias	183

Prefácio

Colecionadora de Perguntas

A primeira coisa que quero afirmar é a seguinte: Andréa Zanella é uma escritora. Ela gosta de escrever, tem prazer nas escolhas de palavras, às vezes pelo seu significado, claro, e ainda mais pelo som, o tom, a montagem na mesma frase de palavras-conceitos – sons cientificamente musicais que favorecem um mergulhar na leitura. O “pulsar nas entrelinhas”.

Em seguida, quero sublinhar que esse estilo pela escritura não é somente estético, é também a maneira mais adequada ao desafio contemporâneo de cruzar disciplinas diferentes, de praticar a transdisciplinaridade, muitas vezes proclamada, mas raramente atuada, de experimentar uma “terra de ninguém” onde é possível e auspicioso desenvolver e experimentar novas metodologias compositivas sensivelmente conectadas entre espaços diferentes: Florianópolis entre uma Roma inicial e Niterói final. Quando ela escreve ou compõe, “a ciência vê, revê, transvê”, é ritmo conceitual, uma abertura dos sentidos que continua assim: “vida vivida, estranhada, reinventada”. A poesia concreta se mistura com a cultura *hip-hop* e ritma as ciências sociais.

O exemplo mais claro para eu demonstrar tudo isso é a declaração emocionante dela, quando afirma que vem “coleccionando, ao longo dos anos, perguntas de pesquisa”. Eu sou cada vez mais (infelizmente) apaixonado por Walter Benjamin, e uma das perspectivas dele que sempre me intrigou é quando apresenta a figura do colecionista. Em Paris do século XIX, Benjamin enfrenta o nascimento do *interieur* como lugar doméstico onde um tipo de sujeito histórico pode manifestar a dimensão privada separada daquela pública. O *interieur*, no sentido

arquitetônico, se cruza com a interioridade no sentido psicológico, com um tipo específico de interioridade (urbana, classista, masculina) que favorece um caráter urbano que tem prazer em colecionar “coisas”. Coisas que não são mais mercadorias, isto é, que não incorporam valor de troca e ainda menos valor de uso: são coisas mortas.

Mas o colecionista consegue transfigurar essas “coisas mortas” em “seres vivos”. Vivos e falantes para ele, sem nenhuma (por enquanto, inicialmente) vontade de transformar essas “coisas-seres-mortas-vivas” em uma nova mercadoria baseada sobre um valor agregado *vintage*. Benjamin foi um grande colecionador. Praticava este acordar do que é inerte na esperança de liberar as coisas da função de serem úteis.

Quando li a frase em que Andréa afirmava ser uma colecionadora de perguntas, na hora me lembrei dos fragmentos benjaminianos sobre a iluminação do colecionista. E o que me causou um excesso de maravilha foi este *coleccionar perguntas*, um deslocamento dela em relação ao colecionar objetos. Perguntas de pesquisa. O estupor abriu os meus sentidos, imaginando que finalmente o método – assim forçosa e inutilmente singular-universal – é desenvolvido com uma lógica outra, uma lógica, ou melhor, com lógicas que praticam o além do pensamento dualístico para descobrir a força irregular e díspar de colecionar essas perguntas de pesquisa. Aqui se pratica um salto, um *shift*, uma mudança que libera as ciências humanas de reproduzir uma epistemologia monológica para avançar na travessia transbordante de cada limite disciplinado. Uma indisciplina dela que não significa recusar o rigor do pensamento, pelo contrário, apresenta a possibilidade de não ficar a crítica no lugar conclusivo e fechado, para assim viajar e viajar-se além do disciplinado.

Colecionar perguntas é uma abertura em direção a panoramas ainda em parte desconhecidos, mas que sempre mais querem ser cruzados e deglutidos por quem a pesquisa é desejo conceitual. Nesse sentido, a colocação da psicologia em geral e, em particular, da psicologia social precisa afirmar e liberar essa declaração de multiplicidade. Andréa é claríssima quando afirma o que deveria ser quase banal: que não existe uma psicologia, que é impossível imaginar ou proclamar a

psicologia como uma. É esta obsessão do “um”, o Um como número cardinal, que se transforma em moral para encardinar justamente o singular-universal desde a filosofia pitagórica. A ética – ou para pluralizar também esse conceito complexo –, as éticas não querem ser confundidas com a moral: são visões diferentes, simétricas à diferença entre sagrado e religião.

A sensibilidade da autora se move em direção à arte, uma arte no sentido mais aberto e *perfurado* (um *mix* de furado e perturbado) como uma renda, arte que transpira numa fotografia aparentemente banal (foto n. 7), que “reflete e refrata a realidade”. Nessa imagem parece que o refratar e fractar é mais forte do que o refletir: nenhuma professora/aluna reconhece na foto um espaço da própria escola onde uma árvore sozinha, como que desesperada, tenta enfolhar um muro divisório por motivos de uma ulterior banalidade que procura um sorrir doente no leitor. Essa afirmação de procurar cruzamentos contínuos entre arte e psicologia – ou arte e ciências humanas em geral – assume um conceito que é quase o leit-motiv da obra: *expect-actor*.

Aqui se abre um problema extremamente complicado e agora ainda mais essencial que precisa ser afirmado em poucas palavras. A relação entre arte, artista, artífice, artesão – isto é, aquele que cria um produto que favorece emoções cognitivas que aqui podemos resumir como arte – e quem consome esse produto está ficando sempre mais fundamental e, quero dizer, político. É parte, no meu modo de ver, constitutiva da divisão comunicacional do trabalho (não só produtor de mercadorias) entre quem comunica e quem é comunicado, quem representa e quem é sempre e só representado. A cultura digital, que não é só tecnologia, favorece sempre mais a potencialidade de cada pessoa poder manifestar a sua própria criatividade: a crítica de uma parte acadêmica *anti-tech* de Zanella é claríssima. Para mim, essa prática é presente também em muitos rituais antigos e ainda atuais que os antropólogos (eu também) gostam de pesquisar. Rituais para os quais a palavra “arte” não é adequada, mas é presente como um fantasma curioso. Por isso, um desafio contemporâneo que, para mim, envolve política renovadora e se coloca na possibilidade de cada pessoa virar

sujeito compositivo de um *processo* – sublinho processo, que é outro conceito-guia do texto – durante o qual ele/a se transforma em obra de arte, cocria a obra. Não é só um passivo expectador que uma visão superficial do consumo cultural coloca com desprezo como resultado da reificação pan-industrial: esse sujeito exprime uma vontade de ser um ativo performer da obra de arte. Uma obra vira obra de arte só quando é vivificada pelo expectador que vira *expect-actor*.

A obra não pertence ao autor: esse é um juízo que os críticos de arte acreditam há tempo. Ou seja, uma vez que a obra existe, no processo da sua própria autônoma manifestação, ela se vivifica e se transforma em relação a cada sujeito que quer se colocar não só na sua frente, mas também dentro – dentro e fora. E assim o *expect-actor* processa a obra. Vivifica a obra. Talvez a palavra-conceito-som que eu prefiro utilizar é metamorfizar a obra e a si mesmo. Por isso eu acho que a dimensão metodológica estranhante da exotopia bakhtiniana pode se cruzar com a metodologia do estupor. O estupor que abre os sentidos em direção ao que é desconhecido e, por isso – por isso alheio –, é desejado. E a arte tem este poder de favorecer o cruzamento sincrético entre estranho e familiar para penetrar e ser penetrado num espaço sensitivo outro.

Quero afirmar, neste momento, a importância crucial da reforma Franco Basaglia, graças a qual nos ex-manicômios se pratica a arte da performance, envolvendo os “usuários” (palavra ambígua daquela mais forte de louco e depois de paciente). A minha experiência, seja nos ex-manicômios de Genova, Volterra, Roma com extraordinários psiquiatras formados pela crítica humanística de Basaglia, seja ainda no presente, na fundação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro, com Paulo Amarante, é fundamental. É ética-política.

A obra de Basaglia, em sua dimensão crítica e humanística, prática e teórica, é muito mais importante epistemologicamente que muitas “histórias da folia” – afinal, a genealogia não é historicista, ela implica uma mudança. Essa minha crítica é pautada apenas pela vontade de inverter muitas disciplinas-disciplinadas que reproduzem um saber cristalizado que ignora a força utópica-transformadora de

Basaglia. Assim, o “louco” – paciente ou usuário – pode performar um momento criativo e – não sei se é a palavra correta – terapêutico para aliviar o sofrimento e a solidão, viajar por mundos imaginários onde cada pessoa pode ser artista, ao menos em uma parte de sua existência.

Este posicionamento – destruir a divisão ossificada entre quem tem o poder de comunicar e quem continua a ser comunicado, esta divisão comunicacional do trabalho – constrói uma escolha política contemporânea que muitos eventos transformadores praticam utilizando social *network*: a política comunicacional ativada por uma subjetividade expandida. A psicologia social, assim como a web-etnografia e muitos artistas digitais, precisa investigar as práticas cotidianas, expressivas e políticas da cultura digital reverberada numa subjetividade flexível, utilizando muitos dos assuntos apresentados aqui por Zanella.

Enfim, as vicissitudes da pesquisa liberam inquietações metodológicas. Assumir – como Andréa Zanella determina – a pesquisa como *fieldwork*, praticar o pesquisar-a-pesquisa, isto é, aprender a metapesquisar, é o vértice que envolve cada pesquisador quando inicia um trabalho sem saber exatamente aonde vai e se conseguirá chegar a um ponto final ou, ainda melhor, num ponto intermédio/parcial onde suspender a própria escritura, respirar, olhar o entorno e iniciar a dialogar. Inventando uma carta de navegação deslocante – mais que orientante – para travessias polissêmicas que excedem cada identidade fixa e cada olhar tranquilo.

E aqui quero sublinhar a perspectiva final do livro, que afirma a necessidade de incluir o assim dito “informante” no projeto de pesquisa, prevendo “a devolução dos resultados às pessoas que dela participaram diretamente”. Fantástica perspectiva política-epistêmica. Porque é verdade que só o outro transforma o eu em sujeito.

Florianópolis, verão de 2012.

Mássimo Canevacci